

Dívida externa do País diminuiu 3,2% em 1989

O Brasil está devendo menos aos bancos internacionais. O Banco Central informou ontem que, ao longo do ano passado a dívida externa bancária do país caiu de 66,45 bilhões de dólares para 63,19 bilhões, com retração de 3,26 bilhões. Ao final de 1989, a dívida brasileira registrada, de médio e longo prazos, fechou em 99,28 bilhões de dólares com queda (no ano) de 3,2 por cento, decorrente da falta de dinheiro novo e, também, da conversão de parcelas da dívida em investimentos diretos.

O Banco Central esclareceu que 74,6 por cento da dívida brasileira estão sujeitos à oscilação dos juros internacionais, sendo 57,1 por cento vinculados à variação das taxas básicas do euromercado e apenas 3,1 por cento aos juros preferenciais dos bancos norte-americanos. Por moeda, 69,5 por cento da dívida brasileira são em dólar norte-americano.

Do total de 99,28 bilhões de dólares, os empréstimos em moeda somaram, em dezembro último, 61,08 bilhões; os financiamentos de importação, 34,25 bilhões; a assistência do Fundo Monetário Internacional, 2,44 bilhões; a dívida por emissão de bônus, 1,13 bilhão, e outros créditos, 387 milhões. O Brasil acumulou ainda, no final de 1989, 15,46 bilhões de dólares em dívidas não registradas, de curto prazo. Assim, o Brasil fechou o ano passado com a dí-

vida global de 114,74 bilhões de dólares.

REBAIXAMENTO

O negociador oficial da dívida externa, embaixador Jório Dauster, classificou como prematuro o virtual rebaixamento dos débitos brasileiros junto aos bancos norte-americanos. "Ao rebaixarem créditos brasileiros, neste momento, estarão dando um tiro no próprio pé", comentou.

Para o embaixador, o governo norte-americano deveria esperar o reinício das negociações, antes de reclassificar a dívida brasileira. Observou que a retomada das discussões não está longe. No final deste mês, reco-

meçarão os contatos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e, no segundo semestre, será a vez dos bancos credores.

Outros assessores da minisra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, acham que, se o rebaixamento realmente ocorrer, a negociação com os bancos deverá ficar mais difícil. A medida fará com que os bancos fiquem menos flexíveis e tentem obter mais vantagens do Brasil, já que a reclassificação importará em prejuízos.

O rebaixamento da dívida brasileira para a categoria **Value Impaired** (valor ameaçado) obriga os bancos a aumentarem suas reservas e isso reduz os lucros no final do exercício, e as ações experimentam significativa queda.

Capital estrangeiro cresce

O Banco Central informou ontem que o estoque de capital estrangeiro investido no País atingiu 34,29 bilhões de dólares, em dezembro último. Do total, 23,67 bilhões correspondem ao ingresso efetivo de capital de risco, enquanto as empresas subsidiárias de multinacionais reinvestiram, até o final de 1989, 10,62 bilhões de lucros já obtidos no País.

De acordo com os dados do Banco Central, os Estados Unidos mantêm a participação de 29,8 por cento do total de aplicações externas de risco no Brasil. Em seguida, aparecem a

Alemanha Ocidental, com 14,6 por cento; o Japão, com 9,2 por cento; a Suíça, com 8,4 por cento; o Reino Unido, com 6,8 por cento; o Canadá com 5,3 por cento, e a França, com 4,8 por cento.

O estoque de capital estrangeiro de risco no País cresceu sete por cento, no ano passado, sobretudo em razão da conversão informal de parcelas da dívida externa brasileira em investimentos diretos. Por setores, o Banco Central informou que 71,1 por cento do capital estrangeiro estão concentrados na indústria de transformação.